O Mundo no final do século XX e início do século XXI

Armen Mamigonian [1]

***Resumo**: No final do século XX os Estados Unidos enfrentaram agressivamente desafios à sua liderança, que partiam da URSS no campo geopolítico e do Japão e da Alemanha no campo econômico. A política norte-americana, apesar de vitoriosa acabou dando margem à emersão de outro desafiante, a República Popular da China.*

***Palavras-chave**: Ciclos de acumulação, Terceira Revolução Industrial, Desafios à liderança dos Estados Unidos, América Latina e o Brasil, China e transição para o socialismo.*

The World at the end of the 20th century and the beginning of the 21st century

***Abstract**: At the end of the 20th century, the United States faced aggressively challenges to its leadership, starting with the USSR in the geopolitical field, and Japan and Germany in the economic field. US policy, though victorious, eventually gave way to the emergence of another challenger, the People's Republic of China.*

***Keywords**: Cycles of accumulation,; Third Industrial Revolution, Challenges to US leadership, Latin America and Brazil, China and transition to socialism.*

Introdução

Ignacio Rangel, o maior pensador marxista brasileiro, insistia em lembrar que de 1930 a 1980 o Brasil, o Japão e a URSS haviam sido as nações de maior crescimento econômico no mundo, fato que muitos ignoravam. Entretanto, logo após a ascensão de R. Reagan à presidência dos EUA e a consequente implantação de uma política econômica e militar extremamente agressiva, sobretudo no plano internacional, este período tão longo de crescimento foi interrompido bruscamente nesses três países nos anos 80, com resultados catastróficos para eles.

À altura de 1980 o Japão era o país de mais rápido crescimento entre aqueles que compunham o centro do sistema capitalista, enquanto os EUA estavam entre os últimos. Alguns observadores apostavam que o Japão estava pronto a ocupar a liderança da economia mundial (VOGEL, 1979). Àquela altura ninguém imaginaria o repentino desaparecimento da URSS e a redução da Rússia à potência de segunda categoria, como aconteceu também com o Japão, bem como a perda de

[1] Departamento de Geografia - FFLCH – USP, Instituto Inácio Rangel. E-mail: amamigonian@gmail.com

importância do Brasil como país industrial emergente. Estas foram algumas das mudanças, mas várias outras aconteceram mais tarde, como a formação dos BRICS e principalmente a emersão da China como superpotência, desafiando a hegemonia dos EUA que nos anos 1990 parecia definitiva. Por que e como as mudanças dos anos 1980 e as mais recentes acabaram acontecendo?

Ciclos de acumulação e transição para o socialismo

Para entender a história do Brasil e do Mundo do final do século XX aos inícios do XXI é preciso considerar pelo menos duas determinações fundamentais: 1) a humanidade vive desde a vitória da Revolução bolchevique de 1917 o período de transição do capitalismo ao socialismo e 2) o mundo capitalista passa por um longo período depressivo do ciclo Kondratieff desde a crise do petróleo de 1973-74, agravado ultimamente pela crise financeira de 2008.

Tornou-se do conhecimento geral o "boom" econômico que o capitalismo viveu nos anos pós-segunda guerra mundial, interrompido pela crise do petróleo. R. Boyer, como muitos economistas, mesmo sem acreditar nos ciclos Kondratieff, referiu-se ao "boom" como os "trente glorieuses", seguidos dos "vingt douloureuses" (Seminário *Globalização: o fato e o mito* – UERJ/UFRJ, 1998), sem imaginar que os anos dolorosos iriam se prolongar por muito mais tempo e se tornar mais dolorosos após 2008. Curiosamente, Ignacio Rangel no Brasil e E. Mandel na Europa, antes da crise do petróleo, anunciaram que a fase expansiva do ciclo longo, isto é, "os anos gloriosos", estava chegando ao fim, surpreendendo seus colegas de profissão. Na verdade, ambos se baseavam nos conhecimentos sobre os ciclos longos, incluindo a queda das taxas de lucro, que indicava o esgotamento da fase expansiva.

A transição do capitalismo ao socialismo, assim como os ciclos econômicos da acumulação capitalista, os dez anos de duração observados por K. Marx e sistematizados pelo francês Juglar e aqueles de cinquenta anos estudados pelo soviético N. Kondratieff, ambos popularizados por J. Schumpeter (1937) estiveram no centro das preocupações de Ignacio Rangel. Paralelamente, vale a pena lembrar que Roberto Campos herdou de G. Haberler, orientador de seu mestrado nos EUA a ideia de ciclos Kondratieff, mas nunca a assumiu publicamente e que o jovem economista E. Giannetti ironizava os "anos gregorianos" dos ciclos longos, usando uma escada para fama e renda extra, até sua ignorância ser desmascarada. É natural, portanto, que a maioria dos economistas não se agrade da ideia de ciclos de acumulação capitalista, sobretudo os Kondratieff e não tenha tolerância com a ideia de transição do capitalismo para o socialismo. Mesmo C. Prado Júnior, de

quem Ignacio Rangel tirou proveito da obra *Evolução política do Brasil*, não deu a devida importância às duas temáticas.

Entretanto, os ventos do Mundo costumam mudar de direção, como ocorreu nos anos 1980, quando a ofensiva neoliberal comandada por R. Reagan levou tanto os intelectuais de "esquerda" a se entusiasmarem com a "globalização", como se o imperialismo tivesse desaparecido repentinamente, como foi o caso de D. Harvey (1989). Nos últimos anos muitos ventos sopram do Oriente, sobretudo da China, e começam a envolver até intelectuais legitimamente de direita, como o embaixador Rubens Barbosa (2017). Sinal dos tempos...

A terceira revolução industrial

No final do século XX a emersão da 3ª Revolução industrial tornou-se voz corrente, como percebeu, entre outros, L. Coutinho (1992), mas faltou aprofundamento da temática, procurando entender porque as revoluções industriais emergiram nos finais do século XVIII, XIX e XX, portanto de dois em dois ciclos longos, enquanto os ciclos intermediários acabavam sendo prolongamentos das revoluções industriais, como a extensão da máquina a vapor às locomotivas e aos navios no segundo ciclo longo, em meados do século XIX. Além de que cada ciclo Kondratieff e cada revolução industrial tiveram as suas particularidades.

Assim sendo, as invenções revolucionárias da segunda revolução industrial, a eletricidade, o motor à explosão e a linha de montagem, nascidas nos EUA e na Alemanha e estendidas no ciclo Kondratieff seguinte aos transportes (aviões, navios gigantes, etc.), à Europa Ocidental toda e ao Japão, dando origem aos "anos gloriosos" do pós-segunda guerra mundial, haviam esgotado a capacidade de sustentação dos lucros. Diante disso, a terceira revolução industrial, por emergir, carecia de novas invenções revolucionárias.

Paradoxalmente, duas destas invenções revolucionárias já haviam nascido, mas estavam até então com uso bloqueado em limites estritos: 1) o computador, fruto da segunda guerra mundial, de uso militar nos EUA como na URSS, havia dado origem à revolução cibernética, mas não havia se difundido para o conjunto da economia, nem nestes países e 2) o toyotismo, nascido no Japão ainda nos anos 1940, posto em prática apenas naquele país até 1973-1974, quando se estendeu rapidamente aos EUA e à Europa, substituindo o fordismo como organização do trabalho e na logística. A fusão nuclear, a terceira invenção revolucionária, estava naquela época apenas

engatinhando na URSS, nos EUA e na Europa. As pesquisas se aceleraram nos últimos anos e há no sul da França uma usina em construção pelo consórcio ITER, reunindo Europa, EUA, China, Índia, Japão, Rússia e Coréia do Sul, mas com previsão de funcionamento experimental nos anos 2020 e a pleno vapor em 2035.

Sinal dos tempos também é a composição ampla do consórcio acima citado, bem como a presença surpreendente da China, Índia e Coréia do Sul, que se apresentam como candidatos ativos à liderança da terceira revolução industrial. Significativo também é o fato que logo após a crise de 1973-74, que abriu o período depressivo do ciclo longo e a busca de novas tecnologias, tanto EUA como Europa avançaram nas pesquisas e usos de energias alternativas, como a eólica, a solar e a marítima, mas que nos EUA foram interrompidas ou desaceleradas com a vitória de R. Reagan, que passou a financiar reatores nucleares tradicionais (Tabela 1).

Tabela 1: Gastos em pesquisas científicas (em percentagens)

			Recherche et Développement	
	2014	2015	2016	2017*
Amérique	29,1%	27,9%	28,4%	27,7%
États-Unis	26,9%	25,8%	25,6%	25,5%
Asie (24 pays)	40,2%	41,3%	42,3%	42,9%
Chine	19,1%	19,4%	20,1%	20,8%
Inde	3,5%	3,5%	3,6%	3,8%
Corée du Sud	3,9%	3,9%	4,0%	4,1%
Europe (34 pays)	21,5%	21,6%	21,2%	20,8%
Allemagne	-5,9%	5,8%	5,6%	5,4%
Russie/CEI (5 pays)	3,1%	3,0%	2,9%	2,8%
Amérique du Sud (10 pays)	2,8%	2,7%	2,5%	2,4%
Moten-Orient (13 pays)	2,2%	2,5%	2,4%	2,5%
Afrique (18 pays)	1%	1%	0,9%	0,9%
MONDE (116 pays)	**100%**	**100%**	**100%**	**100%**
*Estimations				

Fonte: Images Économiques Du Monde 2018. Nota-se forte participação da América do Norte, da Europa, mas principalmente da Ásia, paralelamente à pequena participação da América do Sul, do Oriente Médio e da África. A presença da Ásia cresce, comparada à da América do Norte e da Europa, com a indicação de que os gastos da China ameaçam ultrapassar os gastos dos EUA, na corrida pela liderança da 3ª Revolução Industrial.

Os desafios à liderança mundial dos EUA

Qual o panorama econômico e geopolítico mundial que o governo Reagan teve que enfrentar e quais as medidas que pôs em prática e quais seus resultados de curto e médio prazo? Para responder a essas questões é necessário lembrar que EUA e URSS, os grandes vitoriosos da segunda guerra mundial, logo se tornaram inimigos e polarizaram a luta pelo poder mundial, reduzindo as antigas potências europeias a peças secundárias do tabuleiro geopolítico. Abriu-se um período de perigosa corrida armamentista intensificada pela revolução cibernética, e de conflitos interimpostos como as guerras da Coréia e do Vietnã e a invasão de Cuba.

Além do conflito EUA e URSS, mais grave para o poderio norte-americano talvez tenha sido a luta no campo econômico com o Japão e a Alemanha. Nos "anos gloriosos" estes países e outros registraram os chamados "milagres", isto é, crescimentos muito rápidos, diante de crescimento medíocre dos EUA, mesmo sob impulso da corrida armamentista. Isto levou naquela época vários economistas marxistas a tentarem decifrar as razões da perda de velocidade, levando-os a dar ênfase aos processos de oligopolização da economia norte-americana. Entre eles P. Sweezy e P. Baran (1974), H. Braverman (1987), M. Aglietta (1976) e sobretudo J. Steindl, cuja obra *Maturidade e estagnação no capitalismo americano*, de 1976, lançou uma luz poderosa sobre o processo de oligopolização e de decadência dos EUA. Afinal, o ritmo de crescimento dos EUA nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX foi extraordinário, enquanto o ritmo durante os "anos gloriosos" do pós-segunda guerra mundial foi medíocre e dos menores do mundo, como já dissemos.

A liderança norte-americana na segunda revolução industrial, juntamente com a Alemanha, ocorreu paralelamente à ausência da Inglaterra e da França naquele salto tecnológico, pois se dedicavam a ampliar seus impérios coloniais na África e na Ásia, usando forças militares, e abrindo a etapa imperialista do capitalismo. O percurso dos EUA foi original, com os bancos capitaneando o processo, pois eles haviam financiado a Guerra da Secessão, como os Mellon de Pittsburgh, entre outros, e receberam como pagamento gigantescas extensões de terras no centro-oeste e para loteá-las construíram milhares de quilômetros de ferrovias do Atlântico ao Pacífico e se lançaram aos setores industriais em expansão, siderurgia, mecânica pesada, etc., que logo se tornaram as maiores do mundo e muitas delas logo após a primeira guerra mundial estavam se internacionalizando, como ocorreu no setor automobilístico, com a GM adquirindo a Opel alemã e a Ford se instalando na Inglaterra.

Este ritmo alucinante da expansão dos EUA foi interrompido pela crise de 1929, que levou à falência milhares de empresas e desempregou milhões de trabalhadores, chegando a atingir 25% da força de trabalho. Nos anos 1930 além das numerosas greves operárias e das medidas keynesianas do governo Roosevelt, o New Deal, sobretudo, as grandes empresas de cada setor passaram a incorporar as concorrentes fracassadas e organizaram-se em oligopólios. Assim, US Steel e Bethlehem Steel organizaram o cartel da siderurgia, como a GM e a Ford o cartel da indústria automobilística e assim por diante. A mais espetacular oligopolização dos anos 1930 ocorreu no setor petrolífero, com o nascimento das Sete Irmãs, reunindo Standard Oil, Texaco, Gulf e as européias Shell e Anglo-Iranian, desde os poços de petróleo até os postos de combustíveis, praticamente no mundo todo. Mas o lado negativo do processo foi logo aparecendo, pois os superlucros levaram à diminuição dos avanços tecnológicos, que tem forte intensidade no ambiente concorrencial. Após o "boom" da segunda guerra mundial o brilho econômico dos EUA foi se apagando.

A oligopolização e a perda de dinamismo dos EUA

Em consequência dos super lucros oligopólicos a economia norte-americana não somente perdeu velocidade, como também acabou estimulando o aparecimento de concorrentes excluídos dos cartéis, empresas ou países inteiros, como o Japão. A concorrência setorial mais determinada ocorreu contra os interesses das Sete Irmãs: 1) vários países constituíram empresas estatais ou privadas, tanto no centro do sistema capitalista (França, Itália e Japão, etc.), como na periferia (México, Argentina, Brasil, etc.), 2) empresas armadoras de petroleiros, sobretudo da Grécia e da Noruega, passaram a transportar petróleo a preço mais barato, 3) países produtores de petróleo, sobretudo do Oriente Médio organizaram a OPEP, nacionalizaram a produção e aumentaram o preço do petróleo bruto. Desta maneira o cartel das Sete Irmãs foi sendo quebrado, pois seus super lucros impediam a realização de inovações, enquanto seus concorrentes eram obrigados a realizá-las, como a extração em águas profundas, pioneirismo da Petrobrás.

Assim, nos “anos gloriosos" do pós-segunda guerra mundial a reação aos oligopólios norte-americanos alimentou os "milagres" econômicos dos seus concorrentes em todos os setores, muito além do petrolífero, na siderurgia, na indústria automobilística e até na nascente informática.

O setor siderúrgico é emblemático, pois ao mesmo tempo foi fundamental à industrialização de todos os países, como também continua importante para a construção civil e militar, para a construção de trens e navios, etc. Alguns dados estatísticos sobre o panorama mundial tornam-se necessários: 1) da produção mundial de aço em 1929 de 99,5 milhões de toneladas, os EUA detinham 43,6%, a Alemanha 13,2% em segundo lugar, enquanto o Japão estava ausente entre os dez primeiros, 2) em 1938, em plena crise mundial, do total de 83,3 milhões de toneladas, os EUA produziram 19,5 milhões e a Alemanha 18,0 milhões, 3) em 1946 a produção mundial foi de 88,0 milhões, ainda inferior a de 1929, mas os EUA produziram 42,0 milhões, quase metade do total, voltando a sua antiga grandeza.

Abertura da fase expansiva do ciclo Kondratieff marcou crescimentos rápidos no mundo inteiro: totais mundiais de 188,8 milhões em 1955, de 281,0 milhões em 1963, 703,0 milhões em 1974, 1.344,2 milhões em 2007, mas com duas reviravoltas importantes: a rápida queda da participação norte-americana de 38% do total mundial em 1955 para 25% em 1963 e para apenas 7,5% em 2007 e 2) a liderança da produção de aço mudou várias vezes, com a URSS ultrapassando os EUA em 1974, seguida da liderança do Japão e depois da China, que em 2016 produziu 808,4 milhões de toneladas, isto é, metade da produção mundial de 1630,0 milhões, com o Japão e os EUA muito distantes.

Para se entender estas mudanças é importante assinalar que no pós- segunda guerra as duas principais inovações técnicas na siderurgia aconteceram na Áustria (injeção de oxigênio na aciaria) e na URSS (lingotamento contínuo), mas foram adotadas mais rapidamente no Japão, altamente concorrencial, enquanto nos EUA as inovações interessavam às pequenas empresas, como a McLouth Steel, a décima do setor. Assim, a injeção a oxigênio, que J. Steindl considerou importante invenção, alcançou em 1960 no Japão 11,9% do aço produzido, contra 3,3% nos EUA e subiu para 55% em 1966 contra 17% nos EUA e alcançou 78,1% em 1978 contra 61,1% nos EUA, conforme E. Dourille (1981). Acrescente-se o modelo de localização portuária da crescente siderurgia japonesa, que depois os chineses adotaram, e os contratos de longo prazo na aquisição de minério de ferro e de carvão do exterior. Por tudo isso dá para entender porque os EUA tornaram-se importadores de aço: 6,3 milhões de toneladas em 1964, 10,5 milhões em 1965 e 15,5 milhões em 1968, quando o cartel norte-americano forçou o governo a estabelecer cotas de importação.

Em 1971 enquanto a Nippon Steel produziu US$ 4,1 bilhões e teve lucro líquido de apenas US$ 45 milhões, a US Steel produziu US$ 4,9 bilhões e registrou lucro de US$ 154,5 milhões (Fortune,

maio e agosto de 1972), mas seus dias já estavam contados. Com o mercado norte-americano protegido pelas cotas de importação várias empresas estrangeiras acabaram se instalando nos EUA, como as brasileiras Gerdau e Votorantim (Tabela 2).

Tabela 2: Evolução da produção siderúrgica (milhões de toneladas)

	2000	2005	2010	2015	2016	% 2016
Chine	127,2	355,8	626,7	803,8	808,4	49,6
Japon	106,4	112,5	109,6	105,1	104,8	6,4
États-Unis	101,8	94,9	80,6	89,4	95,6	5,9
Inde	26,9	45,8	66,8	78,8	78,5	4,8
Russie	59,1	66,1	67	70,9	70,8	4,3
Corée du Sud	43,1	47,8	58,5	69,7	68,6	4,2
Allemagne	46,4	44,5	43,8	42,7	42,1	2,6
Turquie	14,3	21	29	33,3	31,3	1,9
Brésil	27,9	31,6	32,8	31,5	33,2	2
Ukraine	31,8	38,6	33,6	23	24,2	1,5
Italie	26,8	29,4	24,8	22	23,4	1,4
Taiwan	16,9	18,9	19,6	21,4	21,8	1,3
Mexique	15,6	16,2	17	18,2	18,8	1,2
France	20,9	19,5	15,4	16,1	17,9	1,1
Iran	6,6	9,4	12	15	14,4	0,9
Monde	**847,7**	**1146,7**	**1413,6**	**1597,7**	**1629**	**100**

Fonte: Images Économiques Du Monde. A tabela estatística revela a perda de velocidade dos EUA, dos países da Europa ocidental e mesmo do Japão e a rápida ascensão de alguns emergentes, como a Índia, a Coréia do Sul, a Turquia, o Irã, entre outros, mas, sobretudo, a presença da China, que alcançou em 2016 a metade da produção mundial...

O desafio japonês aos EUA e à Europa

A concorrência japonesa foi ainda mais inesperada no setor automobilístico, pois os EUA pioneiros no ramo, havia alcançado em 1929 a soma de 5,4 milhões de veículos, de um total mundial de 6,4 milhões, o que tornava os EUA o país do automóvel, quase inexistentes no resto do mundo. Nos anos 1930, com a falência de dezenas de pequenos e médios produtores, a concentração deu origem a oligopólio, reduzido no pós-guerra praticamente apenas à GM, Ford, Chrysler, que produziram 9,2 milhões de veículos em 1955 de um total mundial de 13,6 milhões, isto é, quase 70%, porcentagem impressionante. O Japão somou naquele ano os insignificantes 60,3 mil veículos. Mas, na verdade, estas cifras tão discrepantes eram enganosas, pois escondiam a estagnação tecnológica dos EUA em contraste com a inovação revolucionária do toyotismo, destacada por H. Hymer (1978).

No pós-guerra, enquanto nos EUA parecia maravilhoso para a indústria automobilística, no Japão a situação era muito difícil, pois o mercado interno era minúsculo e era disputado por inúmeras empresas. Foi isto que obrigou a Toyota a aperfeiçoar radicalmente a linha de montagem criada pela Ford: 1) uma mesma linha foi adaptada para montar vários tipos de veículos, 2) grupos de trabalho polivalentes substituíram o operário unifuncional, 3) o sistema just-in-time eliminou estoque de autopeças, etc. O aperfeiçoamento da logística no interior da fábrica foi estendido para todo o sistema externo à fábrica, desde a localização próxima dos fornecedores até os consumidores. Note-se que o primeiro esquema just-in-time na indústria automobilística nasceu antes dos anos 1920 na fábrica da Ford em Dearborn, nos arredores de Detroit, quando as lâminas de aço só chegavam à fábrica de automóveis em quantidades estritamente necessárias, sem estocagem. No final dos anos 1930, com a oligopolização acabando com a concorrência, o just-in-time foi sendo relaxado e abandonado. O setor automobilístico passou a ter como base a aliança empresas, sindicatos e governo após a guerra, incluindo aumento salariais anuais, que garantiam mercado para automóveis com obsolescência programada, designs renovados e lucros garantidos.

É interessante lembrar que até os anos 1930 o Japão foi importador de automóveis, época em que era um grande exportador de tecidos de algodão, eliminando a Inglaterra. Era também produtor de peças de reposição, como ocorreu também no Brasil, até que a Toyota e a Nissan contactaram a Ford para assessorar a implantação de fábricas de automóveis. Após a guerra a indústria japonesa como um todo foi assistida por W. Deming, norte- americano especializado em eficiência industrial, que só foi valorizado nos EUA após a crise de 1973-1974, tendo em vista a necessidade urgente de adoção dos métodos da Toyota, como assinalou J. L. Vieira (2010).

No início dos anos 1960, pouco mais de dez anos da introdução do toyotismo, o Japão iniciou suas exportações para o mundo todo: Ásia do sudeste (Tailândia, por exemplo), Austrália, África do Sul, Europa Oriental e toda América do Norte, com acesso aos Estados Unidos facilitado pelo acordo com a Chrysler, conforme J. Beaujeu-Garnier (1965). A invasão dos automóveis japoneses foi se acelerando e criou uma situação insustentável para a indústria automobilística dos EUA e da Europa, ameaçadas de destruição pura e simplesmente após 1973-74.

Em 1970 a produção automobilística dos EUA alcançou 8,2 milhões de veículos e a produção do Japão 5,3 milhões, a segunda do mundo, mas a diferença qualitativa favorecia os automóveis japoneses, além dos preços, naturalmente. Em 1980 a produção norte-americana, atingida pela crise, foi de apenas 8,0 milhões, ultrapassada de longe pela produção japonesa de 11,0 milhões. Naquele ano em relação ao ano anterior houve recuo de vendas de 28,5% nos EUA, de 11,0% no

Reino Unido, de 8,4% na Alemanha ocidental, de 5,2% na França e assim por diante, com prejuízos financeiros e desemprego. Paralelamente, o Japão aumentou em 27% suas exportações e ocupou naquele ano 20% das vendas nos Estados Unidos, 10% das vendas na Alemanha, mas apenas 2,9% na França e 0,1% na Itália, que já haviam fechado seus mercados, mas em alguns países as vendas japonesas ultrapassaram 30%, na Dinamarca, Noruega, Irlanda, Finlândia, etc. conforme assinalou J. Beaujeu-Garnier (1981).

A fonte acima citada comprova que de 1960 a 1980 os EUA tornaram-se grandes importadores daquilo que antes produziam e exportavam. A produção norte-americana de automóveis na primeira data abastecia 95,9% do mercado interno, mas apenas 79,0 em 1980, como já dissemos. Nas mesmas datas em componentes elétricos as percentagens caíram de 99,5 para 79,9, em eletrônicos caíram de 94,4 para 49,4 (TV japonesas, por exemplo), em máquinas-ferramentas de 96,8% para 75,4%, em equipamentos têxteis de 93,4% para 54,4%, em calculadoras de 95,0% para 57,0%. Não é preciso dizer que em 1980 a situação econômica dos EUA tornou-se insustentável.

O governo Reagan reage agressivamente

A rápida análise dos setores petrolífero, siderúrgico e automobilístico, além do balanço resumido de vários setores industriais nos anos 1960/1980 indicam que o domínio econômico dos EUA no pós-guerra foi sendo corroído até tornar-se fraqueza explícita após 1973-74. Tratou-se de um enorme desafio econômico decorrente da rápida ascensão da indústria japonesa, mas também da sua própria perda de dinamismo tecnológico. Mas havia também o desafio geopolítico e militar decorrente da derrota no Vietnã e do aumento da presença mundial da URSS. Deve-se dizer que o governo R. Reagan (1981-1988) soube reconhecer estes grandes desafios externos e internos e seu “think-tank”, liderado pelo experiente H. Kissinger formulou as medidas necessárias para enfrentá-los, de maneira ofensiva, tentando superar a "era da incerteza".

Entretanto, antes de analisar as medidas postas em prática pelo governo R. Reagan, vale a pena fazer alguns comentários preliminares. O arguto economista J. K. Galbraith, falando à BBC, nos anos 1970, dizia que antigamente "os capitalistas tinham plena certeza do êxito do capitalismo, os socialistas do socialismo, os imperialistas do colonialismo e os dirigentes políticos sabiam que era seu dever dirigir e muito pouco dessa certeza ainda existe hoje em dia” (1979).

Ora, a política de R. Reagan procurou substituir a "era da incerteza" pela era da certeza da supremacia norte-americana.

O segundo comentário preliminar é que hoje em dia no mundo capitalista há uma forte tendência a criticar aquela política, acusada entre outras coisas de ter levado à desastrosa crise financeira de 2008, como as obras de B. Eichengreen (2011) e de G. Duménil e D. Lévy (2014). O terceiro comentário preliminar é que nos anos 1980 a proposta de "globalização" do governo R. Reagan, entendida como um "mundo sem fronteiras" pelas revistas de administração de empresas norte-americanas, como em T. Levitt (1983), foi saudado por alguns intelectuais "marxistas" desavisados, como os espanhóis H. Capel e J. Fontana e até com entusiasmo pelo inglês D. Harvey, já citado.

Estes comentários preliminares são necessários para entender porque F. Wheen (2007) associou a ascensão de R. Reagan e M. Thatcher ao aumento da irracionalidade do capitalismo, e levou tanto os intelectuais "sérios" a virar casaca, como simples birutas de aeroporto.

Ignacio Rangel lembrou que em 1980, diante da enormidade da crise econômica dos EUA, o governo Reagan poderia ter optado pela retomada do crescimento econômico estimulando o uso da capacidade industrial ociosa, depreciando fortemente o dólar e assim diminuindo importações. Mas, para o poderio mundial dos EUA esta opção estava excluída pois decretaria o fim do dólar como moeda do comércio internacional, desafiado na época pelo yen japonês. Assim, Ignacio Rangel (1983) demonstrou que o crescimento norte-americano nos primeiros anos do governo R. Reagan teve menos base neoliberal do que keynesiana, pois dependeu mais da corrida armamentista, como na Alemanha nazista, usando déficits orçamentários e gigantescas emissões de bônus do Tesouro, como fontes de financiamento, bônus em grande parte adquiridos pelos bancos japoneses e alemães e que passaram a fazer parte da especulação financeira em Wall Street, que iria adquirir proporções gigantescas mais tarde.

A bem da verdade é preciso reconhecer que nem todos os setores industriais norte-americanos haviam perdido competitividade em decorrência da enorme oligopolização da economia. A indústria armamentista, por exemplo, concorria de maneira acirrada com a soviética, obrigada a realizar avanços tecnológicos constantes, como uso de computadores cada vez mais aperfeiçoados, origem da revolução cibernética, que por várias décadas permaneceu restrita aos setores militares, tanto nos EUA como na URSS, por razões distintas, como veremos depois. A indústria aeronáutica dos EUA, que operava para uso civil e militar, participava da concorrência não somente soviética, como também europeia, e por isto não registrava importações

significativas em 1980, diferentemente dos setores oligopolizados, mas exportações expressivas, como 49,0% da produção da Boeing, 33,9%, da Douglas e 23,5% da Lockheed.

Deve-se lembrar que a indústria militar dos EUA deu um salto gigantesco durante a Segunda Guerra Mundial, quando o setor automobilístico, por exemplo, foi reconvertido à produção de tanques, canhões, veículos militares, etc., o que deu origem à General Dynamics, divisão militar da Chrysler, bem como as divisões equivalentes da GM e da Ford. No pós-guerra ela não perdeu importância, estimulada pela Guerra Fria, passando a preocupar o presidente D. Eisenhower, que em 1961 lembrou o povo americano o perigo que constituía o "complexo industrial-militar" e suas íntimas relações com o Congresso, como assinalou J. K. Galbraith (1979).

Durante o governo R. Reagan a indústria armamentista cresceu desde os primeiros dias e apontava em 1985 para o programa "Guerra nas estrelas", endereçada à URSS, o que levou o inexperiente M. Gorbachev a pedir um encontro com R. Reagan em 1986 para discutir a escalada militar, sem maiores resultados. Pouco antes, na famosa reunião no Hotel Plaza, em Nova Iorque, em 1985 os EUA e seus aliados europeus forçaram o Japão a realizar uma forte valorização do yen, defendida há muito tempo por Lee Iacocca e outros executivos, que constituiu em duro golpe na política de exportação japonesa, provocando uma longa e severa estagnação econômica de 1990 até os dias atuais. A distância econômica entre os EUA e o Japão que não cessava de diminuir, não parou de aumentar desde então.

Podemos dizer, parafraseando J. K. Galbraith, que nos anos 1980 os dirigentes políticos dos EUA (R. Reagan) e da China (Deng Xiaoping) sabiam que seu dever era dirigir, superando a "era das incertezas", enquanto os dirigentes soviéticos e japoneses, por razões diferentes, foram jogados à "era das incertezas": o soviético pelas exibições pirotécnicas, como simples aprendiz de feiticeiro (KAGARLITSKY, 1992) e os japoneses obrigados a engolir pílulas amargas, por serem aliados geopolíticos, mas adversários econômicos (UEHARA, 2004). Acrescente-se que os dirigentes chineses tiraram suas conclusões das derrotas impostas pelos EUA à URSS e ao Japão.

As cotas de importação protegem o mercado dos EUA

A segunda medida importante do programa de recuperação da economia pelo governo R. Reagan, também tomada nos primeiros dias, foi o estabelecimento de cotas de importação de

manufaturados, mantendo mercado aberto para que o dólar continuasse a circular como moeda do comércio internacional, mas que servissem de base para uma reserva de mercado segura.

Na verdade, o estabelecimento de cotas de importação já vinha ocorrendo antes, como a do aço em 1968 e a dos têxteis em 1972, mas em 1980 a indústria automobilística estava em processo de destruição, promovida pela invasão japonesa. A pequena American Motors passou as mãos da Renault e mais grave ainda a Chrysler foi forçada a se desfazer do controle das suas fábricas europeias na França, Inglaterra e Espanha para a Peugeot, as latino-americanas no Brasil e na Argentina para a Volkswagen e a australiana para a Mitsubishi, além de pôr à venda a General Dinamics, sua divisão mais lucrativa. Mesmo assim, a Chrysler, mais recentemente, não sobreviveu à acirrada concorrência resultante da instalação nos EUA de fábricas da Toyota e da Honda e acabou absorvida pela Fiat italiana. Desaparecimento anunciado com muita antecedência.

Em 1980, como assinalamos, a situação da indústria automobilística norte-americana era dramática, registrando queda de 28,5% das vendas, e pior ainda 20% das quais importações japonesas. As longas conversações entre autoridades dos dois países foram concluídas no início de 1981, nos primeiros meses do governo R. Reagan, e limitaram as importações a 1,68 milhão de veículos, 7,7% menor do que 1980 e esta cota passou a vigorar para os anos seguintes, controlando a hemorragia. Além disto, o governo deu apoio fiscal por vários anos à indústria automobilística, através do Energy Bill, visando a produção de veículos poupadores de combustíveis, de menor tamanho e com plataformas iguais para vários países, como o Ford Escort. Importante também foi a adoção do sistema toyotista e da robotização, já existentes no Japão muito tempo antes.

Assim sendo, o próprio setor de alta tecnologia, até então restrito à indústria militar, passou a penetrar no conjunto da economia e cresceu rapidamente, como foi o caso da Intel que acabou ultrapassando os japoneses Toshiba, NEC e Hitachi, que dominaram o mercado de semicondutores nos anos 1970, mas foram prejudicados por cotas de importação nos anos 1990, e totalizou 16,9% da produção mundial em 2001. Em vista do atraso dos setores oligopolizados nos EUA, o uso de alta tecnologia acelerou mais os setores concorrenciais, como a Caterpillar que em 1980 exportava 32,8% de sua produção norte-americana e aumentou sua distância da Komatsu japonesa. Isto não aconteceu com o mesmo dinamismo no setor automobilístico, por exemplo, pelas razões expostas.

A reserva de mercado norte americana teve duplo papel: 1) permitiu a recuperação das empresas dos setores protegidos pelas cotas de importações e 2) atraiu bilhões de dólares de novos investimentos estrangeiros visando disputar o mercado, como na siderurgia acima referida. O setor automobilístico atraiu investimentos da Toyota, da Honda e de outras montadoras e por isto a GM e a Ford ocuparam em 1999 apenas 68,5% do mercado e caíram para 63,5% em 2001, o restante foi representado pelas importações e pelas firmas estrangeiras recém implantadas. Além disto, marcas tradicionais como Plymouth e Oldsmobile foram suprimidas, mas a GM adquiriu em 2002 a Daewoo coreana, como assinalou A. Gamblin (2003).

Os componentes neoliberais do governo R. Reagan

O programa econômico de R. Reagan não ficaria completo sem seu componente neoliberal agressivo tanto no lado interno, como no lado externo que atingiu principalmente a América Latina.

No plano nacional houve iniciativas e estímulos à reestruturação das empresas norte-americanas para enfrentar os concorrentes estrangeiros. Tratou-se de enxugar custos de todos os lados, inclusive pondo em prática o chamado "downsizing", isto é, o milagre da economia sem empregos, conforme expressão de S. Melman (2002). Ao mesmo tempo em que se processava a recuperação da economia, as empresas adotaram o sistema de trabalho temporário, as demissões maciças e a substituição com salários menores, como fez mais tarde a própria Microsoft, valorizando com isto suas ações em Wall Street.

Algumas reestruturações se tornaram famosas, como a da General Electric, levada a cabo por Jack Welch, seu executivo de 1981 a 2001. A GE nasceu como importante protagonista da revolução industrial dos fins do século XIX. Welch foi chamado a dirigi-la por ocupar a chefia da divisão fornecedora de autopeças de plástico às montadoras, setor concorrencial, que convivia com outras divisões menos dinâmicas.

Por ser um caso emblemático, a reestruturação da GE merece uma consideração maior, até porque sob a administração de Jack Welch passou por mudanças tão agressivas quanto as propostas gerais do governo R. Reagan: 1) do total de 404 mil funcionários em 1981 foram dispensados mais de 100 mil nos primeiros anos, principalmente nas divisões menos produtivas do que as concorrentes estrangeiras, 2) redução das unidades de negócios de 350 em 1971 para

apenas 12 no final da gestão e também redução dos níveis hierárquicos do topo ao chão da fábrica, copiando as empresas japonesas, 3) definiu-se o objetivo de manter ou alcançar o primeiro ou segundo lugar em cada área de atuação, abandonando aqueles que não conseguissem, 4) A estratégia "número um, número dois" provocou dezenas de negócios vendidos e dezenas de negócios comprados, tornando-se, exemplificando, a maior fabricante mundial de motores de aviões civis e militares, ampliando seu setor de manutenção para os concorrentes, aproveitando o impulso da corrida armamentista e o aumento do tráfego aéreo de passageiros, 5) A GE Capital tornou-se um gigantesco banco de financiamento de vendas, 6) organização do serviço de internet, interno e externo, usando-o também para vender eletrônicos, 7) diversificação de negócios, adquirindo empresas lucrativas em dificuldades financeiras, como a RCA em 1985, que incluía a NBC, rede de televisão, assim como a Honeywell em 2000, empresa de alta tecnologia, que empregava 120 mil funcionários, pagando US$ 48,4 bilhões. A GE em 2001 empregava 340 mil funcionários e faturava US$ 112 bilhões, enquanto em 1971 havia empregado 404 mil e faturado US$ 25 bilhões, conforme R. Slater (2001).

Jack Welch (2001) lembrou que ao assumir o comando da GE em 1981 o senso comum norte-americano se resumia a três tendências "irreversíveis": 1) O petróleo estava a US$ 35 o barril e chegaria a US$100, se é que estaria disponível, 2) O monstro da indústria japonesa assolaria os EUA e 3) a inflação em 20% continuaria para sempre em dois dígitos. Lembrou, entretanto, que muitas mudanças alteraram aquelas previsões sinistras, mas não previam o aparecimento da China, onde a GE produziu o Proteus, equipamento de radiologia, reunindo centenas de componentes de mais de uma dezena de países da América do Norte, da Ásia, da Europa e até do Marrocos. Assinalou que os "empreendedores chineses estão abertos a mudança como nunca antes, os dirigentes do país gerenciam a sociedade à medida que liberam a economia e algumas empresas, hoje não muito conhecidas, despontarão como gigantes competitivos nos próximos dez anos, ameaçando a própria existência dos muitos titulares de hoje".

Welch deu, assim, a entender que o governo norte-americano havia conseguido eliminar o perigo econômico japonês, mas havia ajudado a criar sem querer um outro perigo, talvez maior. Isto nos levará a discutir mais adiante não somente a batalha econômica entre os EUA e China, mas também a hegemonia geopolítica mundial.

Na verdade, as desregulações e as reestruturações alcançaram todos os setores econômicos e não terminaram ainda. Aliás, este enorme processo deu origem a inúmeras idéias propostas pelos "gurus" de administração de negócios, que começando pelo próprio Jack Welch, que continuou

recomendando a dispensa ou substituição anual de 10% do pessoal das empresas. Além dele se destacaram M. Porter, P. Drucker, P. Kotler, T. Peters, J.Collins, entre muitos outros. As reestruturações não prescindiram de "gurus", mas os resultados nem sempre foram os mesmos da GE, como foi o caso do fracasso da Westinghouse, nascida também no setor de eletricidade no final do século XIX. Tornou-se muito importante no século XX, como nos elevadores e reatores nucleares, mas acabou sendo absorvida depois de 110 anos de existência pela CBS Corporation, poderosa empresa de mídia, que se desfez depois de várias divisões, a de geradores nucleares acabou nas mãos da japonesa Toshiba. Vale a pena lembrar também que a desregulação do setor de eletricidade, que deu origem a Enron, provocou especulações financeiras escandalosas.

Em 1980 o gigantesco sistema telefônico norte-americano era monopólio da famosa Bell e a desregulação deu origem às chamadas Baby Bells, algumas delas sem maiores êxitos, mas uma resultou na Verizon, empresa de telecomunicações mundiais, produzindo e oferecendo serviços com telefones, TV, banda larga, telemática, internet das coisas, vigilância global, etc., com 200 milhões de clientes em 2016 e faturamento de US$ 126 bilhões.

A aviação civil, como o sistema telefônico e outros, passou por grandes mudanças com a desregulação dos anos 1980. Deve-se lembrar que o setor desde o início levou a grande vantagem da extensão territorial do país e logo adquiriu dimensões gigantescas. Nas últimas décadas o transporte aéreo foi beneficiado pela rápida diminuição dos custos em decorrência dos avanços tecnológicos da Boeing, da GE e outras, barateando as passagens aéreas. Outro benefício recente veio da política de "céu aberto" que os EUA impuseram nos voos internacionais. A desregulação atingiu em primeiro lugar a antiga política governamental do monopólio dos voos internacionais, inicialmente com a Panam e depois com a TWA, que desapareceu com a quebra do monopólio. As grandes companhias que operavam no gigantesco mercado nacional projetaram-se para o exterior, dando origem a uma agressiva concorrência predatória. Atualmente American, United, Delta, Continental e Northwest, as maiores companhias aéreas do mundo, operando nos EUA e no exterior, apresentam grandes capacidades ociosas, lucros baixos e altos valores patrimoniais diante de baixos valores de mercado. Curiosamente a Southwest, a sexta maior norte-americana e nona do mundo, voava apenas no Texas até 1980 e hoje opera em todo território nacional, mas sem acesso ao exterior, levando tantos passageiros quanto a British e a Lufthansa e mais do que a Japan Airlines, conforme F. Bost et alli (2009). As reestruturações empresariais continuam: nos últimos anos várias companhias européias tradicionais, como a KLM, desapareceram, as

sobreviventes dispensam milhares de funcionários, como as norte-americanas e surgiram acordos entre empresas de vários continentes, como Star Alliance, a Oneworld e outras.

Déficits comerciais e dívida pública norte-americana

Estamos tentando entender como os EUA, cujo protagonismo mundial estava sendo desafiado pelo avanço econômico agressivo do Japão e pela crescente presença geopolítica da URSS, reassumiu a liderança mundial plena, que se tornou absoluta nos anos 1990 a ponto de ditar, com a Inglaterra a reboque, as resoluções do Conselho de Segurança da ONU sobre o rumo dos acontecimentos internacionais. Em contrapartida, no bojo deste percurso vitorioso de 1980 a 2000, foram nascendo novos problemas desafiadores: 1) desigualdades sociais internas, com aumento do número de pobres e também das grandes fortunas, 2) déficits comerciais crescentes e rápido aumento da dívida pública, que favoreceram a ascensão da China enfraquecendo os EUA e 3) especulação bancária desenfreada que acabou resultando na crise financeira de 2008.

As linhas de atuação definidas pelo governo R. Regan produziram dinamismo e crescimento da economia dos EUA, mas a geração de empregos continuou problemática. Seymour Melman, da Universidade de Columbia e estudioso do mundo do trabalho, comparou o desemprego dos anos 1930 com o dos anos 1980-2000, lembrando que no primeiro caso esteve ligado a uma retração contínua das vendas e dos lucros corporativos enquanto no fim do século XX as taxas de pobreza e a falta de emprego se fizeram acompanhar por uma elevação contínua dos lucros corporativos, processo que chamou de "milagre da economia sem empregos", como já assinalamos (MELMAN, 2002).

Para entendermos melhor a questão do desemprego nos EUA é preciso assinalar a ocorrência de tendências opostas: 1) A corrida armamentista dos anos 1980 criou postos de trabalho e recuperou a economia norte-americana, mas a reestruturação das empresas sob concorrência japonesa provocou muito desemprego, como no caso da GE, 2) A implantação nos EUA, nos anos 1990, de fábricas japonesas e européias, com o objetivo de evitar as restrições comerciais criou empregos, enquanto as reestruturações não produziram tantos cortes quanto nos anos 1980. Assim, M. Pochmann, professor da Unicamp, usando dados da OIT assinalou que o desemprego de 6,9 milhões em 1990 caiu para 5,9 milhões em 1999. No referido período os EUA deixaram de ser

o segundo país com o maior número de desempregados e melhoraram para sexta posição, ao contrário do Brasil que registrava 2,4 milhões em 1990 e saltou para 7,7 milhões, subindo do oitavo para o terceiro do mundo em decorrência da abertura às importações, imposição ordenada pelos EUA aos governos Collor e FHC.

Uma recapitulação do problema do emprego nos EUA mostra uma queda de apenas 0,75% do PIB em 1980 acompanhada por aumento desproporcional de 25% no número de desempregados em 1981, quando atingiu 7,8 milhões, contra os 6,9 milhões em 1990 e os 5,9 milhões em 1999, como foram lembrados. A longa recuperação econômica norte-americana diminuiu o desemprego para 4,5% em julho de 2001, mas com a crise daquele ano a taxa subiu para 5,9% em 2002, sendo de 10,2% para os negros. A guerra do Iraque melhorou a situação econômica e o desemprego de 6,4% em junho de 2003 caiu para 5,6% em junho de 2004, sendo 7,0% para os hispânicos e 10,3% para os negros. Em 2008, nos meses anteriores à crise financeira, as taxas giravam entre 4,5% e 5,1%, mas saltaram para 9,0% em 2011. A ligeira retomada econômica de 2011-2012 levou à queda de 7,9% em fins de 2012 e para 7,5% nos primeiros meses de 2013 (*Images économiques du monde*, 2014).

Como vemos, a conjuntura catastrófica que se seguiu à crise de 1929 foi evitada, valendo lembrar que a famosa reunião do G7 em 1985 que bloqueou o Japão e as reuniões seguintes estabeleceram a coordenação dos Bancos Centrais em situações de crises financeiras, apesar de que nem tudo pudesse ser controlado.

Os custos do trabalho nos anos 1970 eram maiores nos EUA do que nos seus concorrentes capitalistas, o que acabou provocando déficits comerciais a partir de 1974, que nunca mais pararam de crescer. Naquela época o governo R. Reagan tentou corrigir os custos trabalhistas com 1) o downsizing, que precarizou as relações de trabalho, 2) a queda da sindicalização operária, 3) a entrada crescente de imigrantes latino-americanos e 4) as importações baratas de roupas, calçados, eletrônicos populares, substituindo o Japão pelos tigres asiáticos e depois pelo Dragão chinês.

No início dos anos 1970 os EUA registraram pequenos superávits comerciais, mas logo recomeçaram os déficits, que cresceram sem parar, inclusive com a criação do NAFTA, que ampliou o espaço econômico, mas deu origem as *maquiladoras* no México, que favoreciam a reestruturação das indústrias norte-americanas. A política econômica implantada pelo governo R. Reagan e continuada pelos governos seguintes levou à recuperação dos EUA, mas com três curvas

distintas de crescimento: 1) a produção cresceu na faixa anual de 2% a 3%, com altos e baixos cíclicos, 2) o comércio internacional aumentou mais, a taxas de 4% a 5% e 3) o mercado financeiro cresceu ainda mais, com 6% a 7% anuais, registrando com o tempo descolamentos excessivos.

Em 1974 os EUA exportaram US$ 97 bilhões, com déficit de US$ 20 bilhões. A situação se agravou em 1980 com exportações de US$ 217 bilhões e déficit de US$ 39 bilhões e continuaram piorando: exportações de US$ 714 bilhões e déficit de US$ 449 bilhões em 2000, que saltaram para exportações de US$ 1.480 bilhões e importações de US$ 2.265 bilhões em 2013. Paralelamente, a dívida pública dos EUA não parou de aumentar atingindo 57% do PIB em 2000 e 67,7% em 2011 (*Images économiques du monde*, 2014). Os norte-americanos se assustam cada vez mais com um precipício orçamentário, o "fiscal cliff" em língua de gringo, como dizia Ignacio Rangel, ainda mais que os papéis da dívida estão cada vez mais nas mãos dos bancos estatais chineses.

Entre as desregulações decretadas pelo governo R. Reagan a mais perigosa foi a bancária, mas que estava na ordem do dia. Nos períodos depressivos do ciclo longo as inversões produtivas são menos rentáveis no curto prazo do que a especulação financeira, pois o dinheiro existe em abundância. Nestas conjunturas, Wall Street talvez tenha maior poder de fogo do que o complexo industrial-militar e assim os bancos norte-americanos, como aconteceu na Europa também, foram altamente favorecidos e autorizados 1) a criar paraísos fiscais nos EUA e no exterior, como nas Ilhas Cayman, 2) a operar nas bolsas do mundo todo e 3) a realizar operações de compra e venda de moedas, de ações empresariais, papéis da dívida pública de qualquer país. Mais adiante, no governo Clinton, os controles do FED sobre o sistema financeiro foram afrouxados e assim, G. Soros que já havia apostado contra a libra esterlina na bolsa de Londres advertiu que o sistema internacional tornara-se instável e carregava elementos de outra catástrofe como a de 1929 (SOROS*,* 1997).

O deslocamento excessivo entre valor patrimonial e valor de mercado de uma empresa não dura muito tempo. A queda do valor de mercado leva frequentemente à liquidação do negócio, como ocorreu com a Chrysler, a Westinghouse e a Firestone, vendida à Bridgestone no auge da invasão japonesa. Afinal de contas é uma anomalia excessiva o valor de mercado da GOL brasileira nos seus primeiros anos ter sido maior do que da American Airlines, a maior do mundo. Soros, como competente investigador, tinha obrigação de conhecer o mercado financeiro, mas não os dirigentes do FED, cuja obrigação era proteger os bancos, como acabou acontecendo. No Japão estagnado dos anos 1990 tentou-se reativar a economia financiando imóveis, o que fracassou,

pois os trabalhadores tinham medo do desemprego. Mesmo a Toyota envolveu-se nesta tentativa, mas na mesma época tratou de aumentar seus ativos em alta tecnologia.

O programa imobiliário japonês durou pouco tempo, mas o norte-americano levou tempo suficiente para provocar a crise financeira de 2008. Depois da primeira grande falência o governo agiu rapidamente para controlar o perigo, levando a falência do Bears Stearns a ser absorvida pelo J. P. Morgan e a do Wachovia pelo Citigroup, ambas com apoio governamental, que estatizou as duas maiores imobiliárias em falência. H. Paulson e T. Geithner do FED liberaram imediatamente US$ 700 bilhões para emprestar ao AIG, empresa de seguros, e comprar ativos hipotecários sub-prime dos bancos Citigroup, Morgan Stanley e Goldman Sachs, impedindo que falissem. Assim, em 2009 os prejuízos do Tesouro norte-americano ultrapassaram US$ 1 trilhão, mas os bancos de Wall Street tinham superado a "crise de confiança", expressão do FED, e a dívida pública a cargo dos contribuintes tinha aumentado, como assinalou M. Lewis (2011).

A crise de 2008 provocou forte erosão na imagem de liderança dos EUA, até porque só no Brasil firmas como Votorantim e Sadia, entre outras, perderam muito dinheiro. Paralelamente, aumentou bastante o prestígio mundial da China, que continuou cultivando sua ascensão pacífica, conforme observou J. S. Nye Jr (2012).

Avanço soviético e japonês em alta tecnologia

É possível que a URSS e o Japão, derrotados nos anos 1980 pela ofensiva norte-americana, estivessem naqueles anos mais avançados do que os EUA no percurso para a terceira revolução industrial em andamento. Entretanto, muita coisa está indicando hoje em dia que a China passou a ocupar o espaço deixado por ambos, tanto economicamente como geopoliticamente.

Na URSS o líder Y. Andropov havia sublinhado, de maneira competente, que nos anos 1970 os problemas da corrupção e da indisciplina no chão-de-fábrica haviam se agravado, provocando crescimento econômico lento, desigualdades sociais e desencanto político, o que exigia correção de rumo. Como anotou M. Lewin (2007). Na verdade, o avanço enorme da produção de computadores, com fábricas até na Armênia e na região do Báltico, poderia ter permitido a automação das indústrias em todos os setores da vida nacional, mas o bloqueio estava localizado nos gastos militares e na burocracia, que seria prejudicada pela possibilidade de autogestão dos trabalhadores, em decorrência da diminuição da jornada de trabalho. Este caminho teria

significado um salto de qualidade do socialismo soviético, combinando autogestão e planejamento central, assim como seria um avanço mundial na transição do capitalismo para o socialismo. Tudo indica que faltou competência política ao despreparado e pirotécnico M. Gorbachev para enfrentar os verdadeiros desafios, abrindo caminho ao demagogo B. Yeltsin liderar a contrarrevolução.

Diferentemente da queda espetacular da URSS, que decorreu mais da incompetência de seus dirigentes, a queda do Japão não dependeu das ações de seus dirigentes, submetidos às pressões irresistíveis dos EUA, com ameaças de mais restrições comerciais. Três décadas depois das vitórias norte-americanas sobre a URSS e o Japão, assistimos atualmente o retorno da política de pressões, desta vez contra a China, mas com chances menores de êxito, pois os chineses souberam tirar lições daqueles acontecimentos. A China se preparou para enfrentá-las, com vários meios de dissuasão, como a posse de títulos da dívida pública do adversário e a presença de muitas filiais de empresas norte-americanas em seu território, que não têm nenhum interesse no agravamento dos conflitos.

Retornando ao caso japonês é necessário insistir no seu dinamismo até os anos 1980, como na revolução cibernética nascida do uso dos computadores, inicialmente nas mãos dos EUA e da URSS. No mundo capitalista as norte-americanas IBM, GE, Univac e TRW trataram de dominar o mercado europeu, onde a participação das empresas locais logo se reduziu, na Inglaterra a 36%, na Alemanha a 22%, na França a 15% e na Itália a 10%, conforme B. Madeuf (1981).

O Japão passou a correr os mesmos riscos da Europa, mas em 1956 os cientistas da Universidade de Tóquio produziram o primeiro computador nacional. No mesmo ano o MITI japonês passou a subsidiar a Fujitsu, a, Hitachi, a Mitsubishi e outras e assim em 1960 a Fujitsu começou a fabricar minicomputadores, ausentes nos EUA, aproveitando a reserva de mercado. As importações foram sobretaxadas e caíram da presença de 65% no mercado nacional em 1961 para 21% em 1972. Com objetivo de alcançar maturidade tecnológica as empresas japonesas se associaram às norte-americanas, política que os chineses repetiram em todos os ramos industriais mais recentemente. Após o fim das joint-ventures (Toshiba-GE, NEC-Honeywell, etc.), foram estimuladas fusões, como Füjitsu-Hitachi-Mitsubishi e NEC-Toshiba, todas competitivas no exterior, conforme F. Pinheiro (1975).

É interessante observar, entre parênteses, que naqueles anos as grandes empresas norte-americanas de computadores, como a IBM, por exemplo, detentoras de super lucros, demoraram

muito a entrar na área de mini-computadores, com seus hardware e software, diferentemente das grandes empresas japonesas concorrenciais e assim abriram um espaço para empresas nascidas em fundo de quintal como a Microsoft em 1975 e a Apple em 1976, que contaram com os semicondutores da Intel, como explicou Bill Gates (1995).

O bloqueio imposto pelos EUA à economia japonesa não impediu que suas empresas continuassem dinâmicas. É bem verdade que os gigantescos bancos japoneses, mas sem experiência de financiamentos no exterior, perderam dinheiro na crise de superprodução dos tigres asiáticos nos anos 1990. Entretanto, indústrias como a Toyota, entre outras, trataram de implantar fábricas nos EUA e na Europa, ampliando mercados. Em 2006, na relação das dez maiores multinacionais com ativos no exterior a Toyota apareceu em terceiro lugar atrás da GE e da BP e à frente a Shell, Exxon e Ford. Em 2007 a Toyota ocupou o primeiro lugar mundial em gastos em pesquisas, a frente a Microsoft, Pfizer e Ford norte-americanas. Não foi sem razão que ela se tornou em 2008 a maior montadora de automóveis do mundo. Assim sendo, de maneira paradoxal, enquanto o Japão saiu do mapa econômico e geopolítico internacional, inúmeras empresas japonesas continuaram entre as de maior crescimento mundial (*Images économiques du monde*, 2009 e 2014).

A América latina sob pressão dos EUA

Os abalos que o governo R. Reagan criou no mundo, visando a recuperação dos EUA, tiveram forte impacto negativo na América Latina e na África, enquanto na Ásia a Índia, os tigres e Dragão chinês saíram ganhando.

O nacionalismo ganhou muita força na Ásia do pós-segunda guerra mundial, como resposta à exploração colonial reinante até a guerra. A Índia independente avançou sua industrialização substituindo importações e se mantendo equidistante dos EUA e da URSS, como atualmente faz entre os EUA e a China. Por outro lado a vitória da Revolução chinesa provocou indiretamente nascimento dos tigres, o primeiro deles Hong Kong, onde se refugiaram os industriais de Xangai, que logo assumiram o modelo japonês: máquinas de última geração, mão-de-obra eficiente e barata e exportações agressivas. Após a Guerra da Coréia, militares nacionalistas assumiram o poder na Coréia do Sul e copiaram mais rigorosamente o mesmo modelo, que foi sendo trilhado

por outros países, inclusive a China e o Vietnã, que mantém e reforçam o sistema socialista conquistado a duras penas.

Entretanto, o processo de independência na África, com Nkrumah, Sekou Touré e Lumumba, foi fragilizado rapidamente pelo imperialismo e assim, mais tarde, a ofensiva liderada por R. Reagan e M. Thatcher deu resultados rápidos, como a privatização dos serviços aduaneiros em alguns países. Tanto na África como na América Latina a dívida pública junto ao FMI e aos bancos estrangeiros serviu de motivo poderoso para a implantação do neoliberalismo.

E. Williamson (2012) refere-se ao papel da crise de 1929 no avanço do nacionalismo e desenvolvimento do México, Brasil, Argentina e outros países, como apontou depoimento de Jesus Soares Pereira sobre a política de Vargas, prestado a Medeiros Lima (1975). Já assinalamos que a América Latina cresceu entre 1930 e 1980 mais rapidamente do que os EUA, pois o "crescimento para fora" que privilegiou a Argentina nas primeiras décadas do século XX, foi substituído com a crise de 1929 pelo “crescimento para dentro”, nas felizes expressões de R. Prebisch, um dos fundadores da CEPAL. É interessante lembrar que em vários países chefes militares lideraram a industrialização por substituição de importações, como L. Cardenas no México, Velasco no Peru, Perón na Argentina, entre outros, desgostando os EUA, que trataram de derrubá-los chegando ao extremo, com R. Reagan, de assassinar em 1981 o general Torrijos, que nacionalizou o Canal do Panamá, conforme J. Perkins (2005).

Mesmo um ditador sanguinário como Pinochet deve ser analisado pelo seu lado anti-comunista e seu lado nacionalista. Após a abertura às importações predatórias conduzida pelos Chicago-boys, com resultados desastrosos, a ditadura realizou sucessivas desvalorizações da moeda chilena, conduzida pela equipe dos "pragmáticos", recuperando a economia. É bom lembrar que desde o início manteve de pé a “chilenização” do cobre iniciada por Frey e completada por Allende, conforme L. Moulian e G. Guerra (2000). A recuperação econômica foi bem-sucedida pela adoção das propostas da CORFO (inspiradora do BNDES), anteriores à ditadura, de diversificar a economia e as exportações de vinho, frutas, minerais e metais, papel e celulose, etc. Neste último setor o grupo Angelini concorre com a Klabin brasileira entre as maiores empresas mundiais. Assim, em 1996 entre os dez maiores grupos privados latino-americanos, quatro eram brasileiros, três mexicanos, dois chilenos e apenas um argentino, conforme H. Fazio (1997).

De todos os países da América Latina o Brasil é o que mais desperta interesse dos EUA, já que o México, outro grande país, acabou incorporado ao seu espaço econômico. No período da ditadura

militar o Brasil chegou a trocar petróleo angolano pela construção de hidrelétrica, a cargo da Odebrecht, assim como exportou armas para o Oriente Médio, onde as empreiteiras também atuaram, etc. Assim, os militares desenvolveram a ideia do "Brasil potência", não apenas como um país industrial emergente, mas como presença geopolítica, que se manifestou recentemente com tropas militares no Haiti, sob patrocínio da ONU.

Como Ignacio Rangel insistiu (1985), nosso país conseguiu construir de 1930 a 1980 um edifício industrial completo, com o setor de mecânica pesada produzindo locomotivas, aviões, etc. e a engenharia pesada construindo Itaipu, Ponte Rio-Niterói, etc., com financiamentos externos a juros flutuantes, que acabaram onerando a dívida pública. O governo R. Reagan não só suspendeu os empréstimos como passou a cobrá-los, provocando crises econômicas no Brasil e em toda a América Latina, a começar pelo México. No Brasil foram paralisadas obras em andamento em Tucuruí, na Ferrovia do Aço, etc. Inspirado nas ideias de Ignacio Rangel, o ministro A. Delfim Netto realizou duas mini-desvalorizações, alavancando exportações industriais da Villares, WEG, Randon e outras, retomando o crescimento econômico. Antes disto, nos últimos anos 1970 Ignacio Rangel, prevendo o fim dos financiamentos públicos, propôs a necessidade da concessão de infraestruturas estranguladas à iniciativa privada, com financiamento dos bancos nacionais, o que afastaria os EUA do pacto de poder, mas não teve ressonância entre seus "sábios" colegas economistas.

Entretanto, no governo Sarney, sob inspiração do FMI, deu-se prioridade ao combate à inflação, com o congelamento de preços, medidas de criancinhas de primeiro ano primário da Unicamp e da PUC-RJ, que acabaram levando o Brasil à contra revolução de Collor e FHC, quando a adoção da âncora cambial levou às importações predatórias, que iniciaram uma brutal desindustrialização, que não acabou até hoje. Naqueles anos A. Ermírio de Moraes protestou contra aquela política destrutiva, quando o grupo Votorantim foi obrigado a dispensar mais de 20 mil funcionários (figura 1). Deve-se dizer que mesmo nos governos do PT insistiu-se no combate à inflação usando dólar barato, prejudicial à economia nacional, ao invés de combatê-la com crescimento, como Ignacio Rangel havia demonstrado (1963).

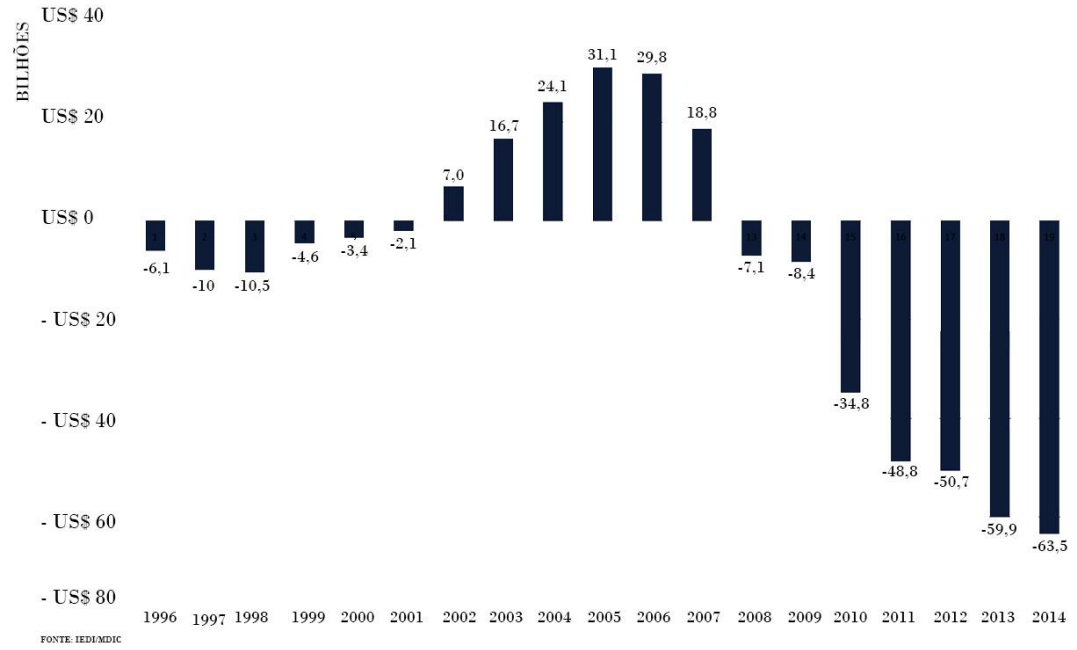

Figura 1: Saldo da balança comercial de produtos industriais (bilhões de dólares/anos)
Fonte: IEDI/MDIC. A política cambial revela seu papel favorável ou seu papel destruidor da atividade industrial brasileira, como em qualquer país.

As apostasias duraram pouco

Os EUA conseguiram bloquear o Japão, a URSS e o Brasil, mas como lembrou o genial W. Lênin no seu debate com Kautsky sobre a vitoriosa revolução bolchevique, o fenômeno da apostasia acompanha a marcha dos acontecimentos históricos, como foi o caso de Juliano, o apóstata, que renegou o cristianismo vitorioso do imperador Constantino. Inspirando-se em W. Lênin, como fez frequentemente, Ignacio Rangel publicou o artigo "Apostasias" (1991) sobre a queda da URSS e o estancamento da indústria brasileira, afirmando tratar-se de fenômenos passageiros. Como se sabe, em 2001, Yeltsin, serviçal do imperialismo, foi substituído por Putin, da KGB, que restabeleceu a soberania da Rússia e enquadrou os oligarcas, em 2003 FHC, outro serviçal, foi substituído por Lula, que reativou a industrialização interrompida e em 2008 iniciou-se a crise financeira no centro do sistema capitalista, desmoralizando os vitoriosos dos anos 1980 e 1990.

É preciso reconhecer que os EUA souberam enfrentar o período depressivo do ciclo longo iniciado em 1973-74. Diferentemente do período depressivo do ciclo anterior, que começou nos anos 1920-21 (N. Kondratieff constatou) gerando uma rápida corrida financeira que resultou na crise de 1929, os EUA e a Europa souberam organizar bancos centrais (FED, etc.), encarregados de minorar a crise financeira inevitável e também trataram de enfrentar o período depressivo com medidas de crescimento econômico e de exploração dos trabalhadores, adiando ao máximo a crise financeira. Entretanto, neste percurso ajudaram a China a substituir a URSS na luta pela vitória do socialismo sobre o capitalismo, que está em andamento e vai durar o século XXI inteiro.

A China lidera a transição para o socialismo

Nos anos 1980, ao mesmo tempo em que o governo R. Reagan iniciava sua ofensiva econômica e geopolítica, o líder chinês Deng Xiaoping punha em prática sua estratégia para tornar a China uma potência mundial, que ele elaborou enquanto prisioneiro de Mao Tsé-Tung, durante a virada stalinista da Revolução Cultural. Deng ao substituir Mao não repetiu o erro de Kruschev em relação a Stálin, que acabou dividindo o PCUS. Apontou erros do seu antecessor, mas também os méritos, como a aproximação com os EUA, em plena guerra do Vietnã e procurou realizar uma liderança leninista, tolerando divergências e estimulando debates, readmitindo no comitê central do PC Chinês todas as lideranças afastadas por Mao.

É fato curioso que Deng tenha recebido Gorbachev em Pequim na época dos protestos estudantis da Praça da Paz Celestial, no emblemático ano de 1989, quando o russo decretava o fim do século soviético, enquanto Deng estava conduzindo a China à cena mundial do século XXI. A apostasia do socialismo soviético estava sendo corrigida pelo PC Chinês, o verdadeiro "Príncipe moderno" na expressão de A. Gramsci, enquanto o PCUS desaparecia melancolicamente.

Vale lembrar que os maiores intelectuais da humanidade se preocuparam com o destino de seus povos, como Sócrates e Platão com os gregos, Confúcio e Lao Tsé com os chineses, assim como os profetas judeus com o destino do seu povo. O mesmo aconteceu com os pais da filosofia clássica alemã, Kant e Hegel, frequentemente profetas. Hegel, por exemplo, desenvolveu a conhecida ideia da migração das civilizações, da Mesopotâmia para o Mediterrâneo, depois para o norte da Europa, em seguida para os EUA e de lá para a Ásia, prevendo assim que o Pacífico iria superar o Atlântico, como está acontecendo. Menos conhecida é a profecia *À paz perpétua* de I. Kant (1989),

escrita em 1795 sob influência da Revolução francesa, que ele simpatizava. O fim das monarquias, em geral guerreiras, assinavam falsos tratados de paz, daria origem às repúblicas, como no caso francês, que teriam a tendência a adotar o Direito internacional baseado num federalismo de Estados livres, como é a ONU atualmente.

K. Marx, filho da filosofia clássica alemã, enxergou o fim do capitalismo em decorrência de revoluções proletárias vitoriosas na Inglaterra, França e Alemanha, criando uma força gravitacional no mundo inteiro. A Comuna de Paris de 1871 mostrou a importância das tensões políticas produzidas pela guerra franco-prussiana. Assim, também durante a primeira guerra mundial os soldados russos das frentes de batalha, desabastecidas de alimentos, munições e armas, fugiram a pé em direção às suas aldeias de origem, ocupando terras feudais para plantar, o que levou Lênin a comentar que "os camponeses haviam votado com os pés", abrindo caminho à vitória da revolução bolchevique, que produziu uma explosão de criatividade na URSS e fora, como na estatística de N. Kondratieff, no pensamento de A. Gramsci, no cinema de Eisenstein, no teatro de Brecht, na arte militar de Zhukov e Kalashnikov e nos movimentos revolucionários na Ásia, África e América Latina. Deve-se lembrar também que após a vitória na segunda guerra mundial a URSS começou a exercer um poder gravitacional em países como Egito, Síria, Iraque que haviam se livrado do imperialismo. Hoje a China começa a exercer esse poder.

São centenas, senão milhares de livros e artigos sobre a China que saem todos os anos e por isso é importante chamar a atenção para dois pesquisadores brasileiros: o embaixador A. Porto de Oliveira com artigos brilhantes como *Tentando entender a China* e *A quarta geração de dirigentes assume o controle da modernização*, e que colabora no blog de RC Cerqueira Leite desde 2013, comentando os conflitos entre EUA e China, e o geógrafo E. Jabbour, que entre outras obras escreveu *Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado na China de Hoje (2010)*, onde assinalou que nas relações comerciais a China tem superávits com os EUA e a Europa e déficits com os países emergentes, como estratégia de alianças (Tabela 3).

Tabela 3: Exportações mundiais de mercadorias (milhões de dólares e percentagens)

	1948	1953	1963	1973	1983	1993	2003	2013	2014	2015
	Valeur									
MONDE	**59**	**84**	**157**	**579**	**1838**	**3688**	**7380**	**18301**	**18422**	**15985**
	Part									
MONDE	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**
Amérique du Nord	28,1	24,8	19,9	17,3	16,8	17,9	15,8	13,2	13,5	14,4
États-Unis	21,7	18,8	14,9	12,3	11,2	12,6	9,8	8,6	8,6	9,4
Canada	5,5	5,2	4,3	4,6	4,2	3,9	3,7	2,5	2,5	2,6
Méxique	0,9	0,7	0,6	0,4	1,4	1,4	2,2	2,1	2,1	2,4
Amérique centrale et du Sud	11,3	9,7	6,4	4,3	4,4	3	3	4	3,7	3,4
Brésil	2	1,8	0,9	1,1	1,2	1	1	1,3	1,2	1,2
Argentine	2,8	1,3	0,9	0,6	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
Europe	35,1	39,4	47,8	50,9	43,5	45,3	45,9	36,3	36,6	37,3
Allemagne	1,4	5,3	9,3	11,7	9,2	10,3	10,2	7,9	8	8,3
France	3,4	4,8	5,2	6,3	5,2	6	5,3	3,2	3,1	3,2
Italie	1,8	1,8	3,2	3,8	4	4,6	4,1	2,8	2,8	2,9
CEI	-	-	-	-	-	1,5	2,6	4,3	4	3,1
Afrique	7,3	6,5	5,7	4,8	4,5	2,5	2,4	3,3	3	2,4
Afrique du Sud	2	1,6	1,5	1	1	0,7	0,5	0,5	0,5	0,5
Moyen-Orient	2	2,7	3,2	4,1	6,8	3,5	4,1	7,4	7	5,3
Asie	14	13,4	12,5	14,9	19,1	26	26,1	31,5	34,9	34,2
Chine	0,9	1,2	1,3	1	1,2	2,5	5,9	12,1	12,4	14,2
Japon	0,4	1,5	3,5	6,4	8	9,9	6,4	3,9	3,6	3,9
Inde	2,2	1,3	1	0,5	0,5	0,6	0,8	1,7	1,7	1,7
Austalie et Nlle-Zélande	3,7	3,2	2,4	2,1	1,4	1,4	1,2	1,6	1,3	1,4
Membres du GATT/OMC	63,4	69,6	75	84,1	77	89	94,3	97,1	97	98,3
										Source: OMC

Fonte: Images Économiques du Monde, 2018. A presença da Europa continua expressiva, mas nas exportações são basicamente internas ao continente, enquanto as exportações dos EUA caíram fortemente. A Ásia aumentou sua presença graças principalmente à China, que domina o comércio mundial no século XXI.

Sob o capitalismo em decadência os intelectuais visionários desapareceram, mas Helmut Schmidt, chanceler da Alemanha, um dos criadores do euro, disse que no futuro existiriam o dólar, o euro e o yuan chinês como moedas internacionais, o que a China vem preparando pouco a pouco. Mais recentemente o operador de mercado financeiro Jim O'Neill (2012) criou o acrônico BRIC em 2001, antes mesmo da constituição do grupo e se surpreendeu com o crescimento dos quatro, que saltaram de 2001 a 2011 de US$ 3 trilhões para mais de US$ 11 trilhões, acima de suas previsões. A consultoria PWC publicou o estudo *Visão de longo prazo: como a ordem econômica global mudará até 2050* (Estadão 7/2/2017), usando o método de paridade do poder de compra, assinalando a China em 1º lugar em 2050, como atualmente, e a ascensão da Índia para o 2º lugar, deslocando os EUA para 3º em 2050. O salto mais espetacular seria da Indonésia, que subiria do 8º lugar em 2016 para 4º lugar em 2050, enquanto o Brasil, mais modestamente, subiria do 7º para o 5º lugar. Todos os países do centro do sistema capitalista perderiam posições, além da saída da França entre os 10 maiores, entrando o México.

A China de Mao trilhou na economia caminho semelhante ao soviético, com avanços na siderurgia e na produção militar de aviões, mísseis balísticos e bombas nucleares. A coletivização da agricultura, necessária na URSS diante da proximidade da segunda guerra mundial, não era necessária na China e teve resultados negativos. Enquanto Mao oscilou entre Lênin e Stálin, conforme I. Deutscher, Deng Xiaoping sempre foi mais leninista e assim, diante da realidade concreta da China e do mundo nos anos 1970 teve clareza de assumir o modelo econômico japonês, que vários tigres já haviam adotado, mas com planejamento estratégico chinês, como os mecanismos para bloquear as pressões dos EUA, que eram previsíveis. Nas últimas décadas a economia norte-americana e suas empresas estão perdendo presença internacional visando reforçar a presença nacional, como no setor de petróleo e gás por exemplo. Assim, a GM se desfez recentemente de suas filiais européias para reforçar presença nos EUA e na China, o que beneficia a China nos seus conflitos com os EUA. Esta visão de longo prazo de Deng Xiaoping se manifestou desde o início das reformas, como por exemplo na atração das empresas estrangeiras de ponta, quando recebeu a visita de Akio Morita da Sony disposto a investir na China, mas fora das ZEE iniciais, para aproveitar mão-de-obra mais barata, no que não foi atendido. A adoção do modelo econômico japonês, com planejamento chinês, levou ao crescimento de 10% anuais por muito tempo, dobrando o tamanho da China de 7 em 7 anos. Assim, as locomotivas a vapor dos anos 1980 foram substituídas pela maior rede de trens de alta velocidade do mundo, surpreendendo a todos.

A outra face positiva do modelo econômico japonês foi a geração de um fluxo gigantesco de exportações e importações, mudando a pauta da luta entre os EUA e URSS da corrida militar, para concorrência comercial entre EUA e a China. M. Mazzucato (2014) assinalou o altíssimo gasto em pesquisas científicas na URSS, que não se revertia em vantagens para o conjunto da economia. A China pode se livrar dos gastos militares excessivos, concentrando-se na guerra cibernética principalmente, mas sem subestimar os diversos lados da questão.

Linhas acima assinalamos a presença da China, Índia e Coréia do Sul ao lado de países mais avançados na pesquisa científica na usina de fusão nuclear em construção na França. Por isto mesmo é importante lembrar que a produção científica avançou muito entre os emergentes, o que levou a China a registrar em 2013 mais patentes que os EUA. Reconhecendo esta tendência a própria GE norte-americana começou em 2000 a abrir centros de pesquisa no exterior, o primeiro em Bangalore (Índia), e depois em Xangai em 2003, Munique em 2004 e recentemente no Brasil. Hoje pólos tecnológicos de Bangalore e de Dalian, na China, rivalizam com o Silicon Valley. Na

cidade de Dalian existem 620 empresas de alta tecnologia, das quais 230 estrangeiras, como a Hitachi, Mitsubishi e NEC, empregando 31.000 engenheiros (*Images économiques du monde*, 2009).

Os ambientes comerciais dificultam as guerras, como lembrou I. Kant, e os avanços da terceira revolução industrial em andamento colocarão a possibilidade de diminuir a jornada de trabalho, que a China deverá aproveitar em primeiro lugar, avançando nas relações socialistas, com autogestão no chão-de-fábrica, o que deverá estimular a luta dos trabalhadores nos países capitalistas, semelhante ao fato de que a Guerra do Vietnã foi ganha no Vietnã e nos EUA. M. Marti (*A China de Deng Xiaoping*, 2007) insistiu que Deng criou sua marca definitiva, junto a Mao e Confúcio, as três raízes profundas da tradição chinesa, como observou M. Leonard (2005), quem sabe levando a humanidade à "paz perpétua", profetizada por I. Kant.

Referências bibliográficas

AGLIETTA, M. Régulation et crises du capitalisme. Paris: Calmann-Lévy, 1976.

BARAN, P.; SWEEZY, P. Capitalismo Monopolista. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed., 1974.

BARBOSA, R. A volta da China como grande potência. In: O Estado de São Paulo, 11/07/2017.

BEAUJEU-GARNIER, J. et GAMBLIN, A. Images économiques du monde 1963, in Revue Population, 20e année, n. 1, 1965. p. 142.

BEAUJEU-GARNIER, J. et GAMBLIN, A. In: Images économiques du monde 1981, 26e année. Paris: Société d'Edition d'Enseignement Supérieur (SEDES), 1981.

BOST, F. et all. Images économiques du monde, – Crise des subprimes: la fin de l´hégémonie américaine?. Paris: Armand Colin, 2009.

BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

COUTINHO. L. A terceira revolução industrial e tecnológica: as grandes tendências de mudança. In: Revista Economia e Sociedade. V.1, n.1, agosto. Campinas: Unicamp, pp. 69-87, 1992[1].

DOURILLE, E. (La siderurgie dans le monde depuis 1952. Paris: Notes & Etudes Documentaires, La Documentation Française,. Nos 4623-4624, 1981.

DUMÉNIL, G. e LÉVY, D. A crise do neoliberalismo, São Paulo: Editora Boitempo, 2014)

EICHENGREEN, B. Privilégio exorbitante, Rio de Janeiro: Elsevier, 2011

FAZIO, H. Mapa actual de la extrema riqueza en Chile, Santiago: ARCIS Universidad, 1997.

FORTUNE, maio e agosto de 1972.

GALBRAITH, J.K. A era da incerteza, Brasília: Universidade de Brasília, 1979

GAMBLIN, A. Images économiques du monde, Paris: Société d'Edition d'Enseignement Supérieur (SEDES), 2003.

GATES, B. A estrada do futuro, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARVEY, D. A condição pós-moderna, São Paulo: Edições Loyola, 1989

HYMER, H. Empresas multinacionais: a internacionalização do capital, São Paulo: Graal, 1978

Images économiques du monde – Crise des subprimes: la fin de l´hégémonie américaine?. Paris: Armand Colin, 2009.

Images économiques du monde - France : la grande fracture. Paris: Armand Colin, 2018.

Images économiques du monde – Grand dossier: Les pays développés à l´épreuve de la désindustrialisation. Paris: Armand Colin, 2014.

JABBOUR, E. Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado na China de Hoje. Tese de Doutorado em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, USP, Ano de obtenção: 2010.

KAGARLITSKY, B. A desintegração do monolito, São Paulo: Editora UNESP, 1992

KANT, I. À paz perpétua, Porto Alegre: L&PM, 1989.

LEONARD, M. O que a China pensa?, São Paulo: Larousse, 2005.

LEVITT, **T.**, **The Globalization of Markets**, in: **Harvard Business Review**, 61 (3), pp. 92-102. **1983**.

LEWIN, M. O século soviético, Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEWIS, M. A jogada do século, Rio de Janeiro: Best Business, 2011.

LIMA, M. Petróleo, Energia Elétrica e Siderurgia, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MADEUF, B. L'ordre technologique internacional: production et transferts, Paris: Documentation Française, 1981.

MARTI, M. A China de Deng Xiaoping. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MAZZUCATO, M. O estado empreendedor. Desmascarando o mito do setor público vs. setor privado. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

MELMAN, S. Depois do Capitalismo, São Paulo: Editora Futura, 2002.

MOULIAN, L. e GUERRA, G. Eduardo Frei – 1911-1982, Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 2000.

NYE JR, J. S. O futuro do poder, São Paulo: Benvirá, 2012.

O'NEILL, J. O mapa do crescimento, São Paulo: Editora Globo, 2012.

PERKINS, **J**. **Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, **2005**

PINHEIRO, F. Tecnologia: o que o Japão tem a ensinar, in Revista Exame, 1975.

PWC Consultora. Visão de longo prazo: como a ordem econômica global mudará até 2050. In: O Estado de São Paulo, 7/2/2017, Caderno Economia e Negócios.

RANGEL, I. A inflação brasileira, Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1963.

RANGEL, I. A recuperação americana, Folha de São Paulo, 21 de abril e 6 de julho. 1983.

RANGEL, I. Apostasias. In: Folha de S. Paulo, 2 de janeiro. 1991.

RANGEL, I. Brasil: milagre e anti-milagre, Rio de Janeiro : J. Zahar Editor, 1985.

SCHUMPETER, J. Business Cycles. A Theoretical, Historical, and Statistical Analysis of the Capitalist Process. New York London : McGraw-Hill Book Company, inc., 1937.

Seminário Globalização: o fato e o mito. Programa Universitário de Estudos Estratégicos – Rio de Janeiro: UERJ/UFRJ, (mimeo) 1998.

SLATER, R. Os 29 segredos de Jack Welch, São Paulo, Editora Campus, 2001.

SOROS, G. The Capitalist Threat; In: The Atlantic Monthly; Volume 279, No. 2; p. 45-58, February 1997.

STEINDL, **J**. **Maturidade** e **estagnação no capitalismo americano**. São Paulo: Nova Cultural (Os Economistas), **1976**.

UEHARA, A. R. Perspectivas para o papel internacional do Japão, site Política Externa, 20 de março de 2004 http://politicaexterna.com.br/2134/perspectivas-para-o-papel-internacional-japao/

VIEIRA, J.L., A história do automóvel: a evolução da mobilidade, 3, Alaúde editorial: São Paulo, 424, pp. 176-334, 2010.

VOGEL, E. O Japão como primeira potência, Brasília: Universidade de Brasília, 1979.

WELCH, J. Jack definitivo. São Paulo: Editora Campus, 2001.

WHEEN, F. Como a picaretagem conquistou o mundo – equívocos da modernidade. São Paulo: Record, 2007.

WILLIAMSON, E. História da América Latina, Lisboa: Edições 70, 2012.

Agradeço a M. Graciana de Deus Vieira